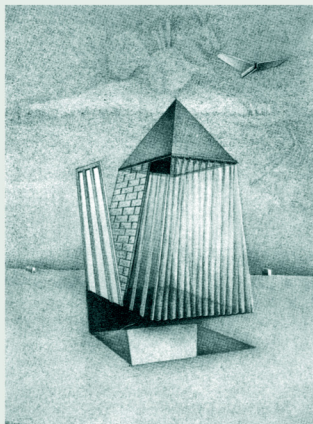


Presa Comum



Frederico Pedreira

RELÓGIO D'ÁGUA

Presa Comum

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
Tel.: 218 474 450
Fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Título: Presa Comum
Autor: Frederico Pedreira
Revisão: Anabela Prates Carvalho
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, Fevereiro de 2015

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-507-5

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Rainho & Neves, Lda. / Sta. Maria da Feira
Depósito Legal n.º: 388765/15

Frederico Pedreira

Presas Comuns

Poesia

1.

Cerrando a linha ténue
da amizade, aqui me tens,
a terminar de ferrugem
a cancela que estremece
ao passar do nosso dia alegre,
sem muito mais que dizer.

É domingo entre nós. Isso ou
a murcha e solitária metáfora
que nada diz, agora já tanto faz.
Olhos avisados sobre o balcão
e os modos incertos que um
guarda-chuva irá amparar.

Às vezes vou com calma, também
me acho trémulo em frente ao espelho
aterrador, sem grandes enganos,
rumos ou demónios de cordel.
Às vezes, é só um gesto teu.

2.

Retorna o homem passageiro,
restando eficaz em tardes afeitas
nas pontas dos dedos: não me tragam
ferros-velhos, poeiras difíceis de montar,
porcelanas riscadas arrastando a doença
grave, lenta como certas serenidades.

De corpo transido, másculo,
pouco se mostra ou consegue arranjar.
Pega a centelha morna, se ainda te apraz.
Corpo afinal tão torcido, como se este grito
fosse só meu, como quem afinal sempre riu,
não este chapinhar na poça deserta.

3.

Apareces à porta e contigo vem
uma realidade diferente, órbita
distinta que transporto no quarto,
fluxo de tempos e feitos desfeitos.

Não deves saber quem sou, muito
menos de que se faz esta energia meiga,
a solitária simples que me cabe.
Gosto de levar meu golpe másculo,
aterrá-lo assim em mirra e poeira.

E quando as rotações da velha casa
se esgotam a mão tudo rejeita, olha
como poisa agora luzidia na infância.
Somos tão sinceros, trememos inteiros:
num vaivém puro de asas e linhagem.

4.

Escuta como agora venho só
e é manhã na retina, os dois presos
numa conversa de ases sem razão.
A sombra levanta-se descalça e nas
mãos prepara uma fruta brilhante.
Escolho ir à roupa de cama
contar os teus cabelos até que
me convenças para o banho.
Quotidiano e tudo o mais: um dia
sento-me à mesa e não penso em nada
que já não tenha sido, apertando sinais
pelo corpo, o sangue pelos braços,
é assim: gosto de lembrar coisas que
não existem. Confluímos, sem nada
que integre ou separe as nossas vontades.
Reparo com surpresa como desses olhos voam
centelhas, coisas espalhadas no nosso quintal.

8.

Andamos até ao centro do ruído,
ao círculo em que tudo se comove.
Não sei falar de outra coisa:
esta casa, vozes espantadas,
risos que bafejam mais vida sobre a
corrente daninha que nos amarra os pés.

Sentada no colo de ti mesma,
num canto remexendo cabelos,
nunca soubeste de tal encontro.
A conversa entretida com seu arrombo,
puxando varizes, convertendo noções,
eu a morder o menos possível numa
hora discreta para que chegues.

Mas a hora não avança nem resolve
e eu pensei que estávamos juntos.
Os meus sinais são teus papéis ilegíveis
deixados sobre a mesa, ardendo
fundos num prato sujo. A persiana
faz subir a luz: equação mirabolante.